GREEN
EUROPEAN
JOURNAL

O futuro da criatividade

Article by Nina George
September 3, 2026

O que distingue os humanos da inteligência artificial? A autora alemã Nina George vê a resposta na capacidade de criar aquilo que até então não existia. No entanto, à medida que o alcance da IA se expande para cantos cada vez mais distantes das nossas vidas – desde o conteúdo que consumimos até à forma como falamos –, arriscamo-nos a perder a nossa liberdade e criatividade.

Mais de três anos após o seu lançamento no mercado, em novembro de 2022, o ChatGPT, a robótica geradora de texto criada pela OpenAI na sagrada Silicon Valley, continua a ser adorado como se fosse o «Pancriador» (como o autor e filósofo da tecnologia Stanisław Lem chamou o «construtor racional do mundo» na sua obra de 1964, Summa Technologiae).

Segundo um estudo da própria OpenAI, 800 milhões de utilizadores, predominantemente jovens entre os 18 e os 25 anos, submetem uma média de 18 mil milhões de pedidos por semana ao seu chatbot. Recorrem ao ChatGPT para trabalhos de casa, candidaturas a emprego, slogans de marketing, e-mails, newsletters, excertos de propaganda para bots das redes sociais, para produtos que se assemelham a livros, críticas ou traduções; para cartas de amor à la Cyrano de Bergerac versão ciborgue, respostas automáticas ao cliente, resumos; e conselhos de relacionamento ou de vida. Claro que o ChatGPT é apenas um entre muitos chatbots – existem muito mais de 1000 grandes modelos de linguagem, e as suas aplicações estão disponíveis em todo o mundo.

O número de pedidos oscila no início e no fim do semestre e das férias escolares. Segundo um inquérito da HEPI e da Kortext no Reino Unido, a proporção de estudantes que usam ferramentas de IA generativa como o ChatGPT para trabalhos avaliados saltou de 53 por cento em 2024 para 88 por cento em 2025. Tal como a escrita, também a leitura está em declínio. Docentes universitários na Europa e do outro lado do Atlântico relatam que um número crescente de estudantes não está habituado a ler e considera mental, emocional e fisicamente exaustivo ler textos mais longos do que um poema.

Embora fosse fácil culpar estes desenvolvimentos na OpenAI, Meta, Anthropic e os restantes suspeitos do costume do colonialismo digital norte-americano, a IA apenas acelerou uma tendência que já era visível, inclusive na Europa. O poder computacional e a estatística baseada em dados, frequentemente apresentados como «inteligência artificial», são um espelho amplificador de condições pré-existentes desoladoras.

Tal como a escrita, também a leitura está em declínio. Docentes universitários na Europa e do outro lado do Atlântico relatam que um número crescente de estudantes não está habituado a ler e considera mental, emocional e fisicamente exaustivo ler textos

mais longos do que um poema.

Um admirável mundo velho

As tentativas, desde os anos 1960, de replicar as vias neuronais do cérebro humano através de estatística baseada em dados produziram aquilo a que chamamos «IA fraca». A IA fraca só consegue concentrar-se numa única tarefa – ao contrário dos humanos, que conseguem processar 11 milhões de impressões sensoriais por segundo e filtrar as 40 mais importantes para reações imediatas. Ao conduzir um automóvel, nós pensamos, mudamos de mudança, viramos o volante, reagimos aos sinais vermelhos e mantemos o olhar na criança no banco de trás que está a enfiar um chocalho no nariz.

O ChatGPT, o Gemini, o LlaMA, o Microsoft Copilot e semelhantes só conseguem conduzir sempre em frente ou reconhecer o sinal vermelho. Além disso, não compreendem nem o significado nem o contexto daquilo que misturam, porque todas as letras, palavras, frases, contextos e informações são convertidos em fórmulas algorítmicas. A linguagem humana é convertida em matemática de máquina, e a matemática é cuspida de volta como comunicação simulada.

Numa era de policrises complexas, da ascensão da extrema-direita e de uma inundação de bots de propaganda nas redes sociais, a comunicação automatizada funciona como acelerador de futuras ditaduras linguísticas.

No entanto, este resultado é rigorosamente pré-censurado: os chatbots de IA estão programados para evitar uma lista crescente de termos proibidos e temas sensíveis, através de um «controlo de conteúdo» definido de fábrica. Esta lista inclui palavrões e termos sexualmente explícitos, mas também adjetivos incomuns e assuntos politicamente sensíveis (e, com o atual governo dos EUA, a lista é cada vez mais longa). O resultado é, na melhor das hipóteses, uma linguagem medíocre e conservadora, desprovida do elemento humano.

Os chatbots de IA estão programados para evitar uma lista crescente de termos proibidos e temas sensíveis, através de um «controlo de conteúdo» definido de fábrica. O resultado é, na melhor das hipóteses, uma linguagem medíocre e conservadora, desprovida do elemento humano.

Esta linguagem está a mudar não só a comunicação humana escrita, mas também a oral. Investigadores do Instituto Max Planck para o Desenvolvimento Humano analisaram mais de 770.000 podcasts e vídeos e concluíram que estamos a começar a falar no estilo do ChatGPT. Esta erosão da diversidade linguística e cultural aumenta consideravelmente o perigo de manipulação de opinião. Numa

era de policrises complexas, da ascensão da extrema-direita e de uma inundação de bots de propaganda nas redes sociais, a comunicação automatizada funciona como acelerador de futuras ditaduras (linguísticas).

Uma análise a mais de 770.000 podcasts e vídeos conclui que estamos a começar a falar no estilo do ChatGPT. Esta erosão da diversidade linguística e cultural aumenta o perigo de manipulação de opinião.

Exploradores do tempo, da cultura e do conhecimento
Mas este não é o único problema com o entusiasmo em torno da IA. A base textual sobre a qual, por exemplo, o GPT-3 foi desenvolvido, consiste em 45 terabytes de material que a OpenAI muito provavelmente pilhou ilegalmente ao longo dos anos. Trezentos milhões de páginas de texto extraídas de sites privados, arquivos de meios de comunicação, fóruns do Reddit, avaliações da Amazon, redes sociais, entradas da Wikipédia. E também sete milhões de livros protegidos por direitos de autor e 81 milhões de textos científicos.

Equipas de investigação como a holandesa AI Safety Camp ou a dinamarquesa Rights Alliance provaram que as bases para grandes modelos de linguagem, como o Llama da Meta, foram construídas a partir de livros e coleções como a Books3, armazenadas ilegalmente em bibliotecas paralelas como a Library Genesis (LibGen), a Z-Library (Bok), a Sci-Hub e a Bibliotik – sites de pirataria.

O número de processos judiciais contra empresas de IA pela violação massiva de direitos de autor cresce todas as semanas nos EUA. Na Europa, as ações coletivas são difíceis de mover e financeiramente inviáveis para autores individuais.

O número de processos judiciais contra esta violação massiva de direitos de autor cresce todas as semanas. Em novembro de 2025, havia 75 processos contra a OpenAI, a Microsoft, a Meta e a Alphabet (empresa-mãe da Google). Os mais conhecidos são o do The New York Times contra a OpenAI e a Microsoft, e a ação coletiva movida pela Guilda dos Autores dos EUA (a maior organização profissional de escritores nos EUA) e 18 autores individuais (incluindo George R.R. Martin, Jonathan Franzen e John Grisham) contra a OpenAI. Outro processo, movido por três autores individuais, o caso Bartz v. Anthropic, resultou num acordo de 1,5 mil milhões de dólares. Na Europa, as ações coletivas são difíceis de mover e financeiramente inviáveis para autores individuais. Mesmo que os juízes norte-americanos decidam contra a pilhagem feita pela IA, isso não fará justiça aos autores europeus.

Danos de mercado pelo resultado da IA

O linguista Noam Chomsky chamou ao ChatGPT um «plagiador de alta tecnologia» que copia de livros amostrados ilegalmente para produzir texto que reflete o estilo dos autores originais. Apesar deste roubo, os resultados são considerados «domínio público» e podem ser reutilizados por qualquer

pessoa. Mas isto é um problema colateral – o dano real é que produtos de IA semelhantes prejudiquem os mercados precisamente das pessoas cujas obras foram roubadas.

Noam Chomsky chamou ao ChatGPT um «plagiador de alta tecnologia» que copia de livros amostrados ilegalmente para produzir texto que reflete o estilo dos autores originais.

A Amazon, que sempre aplicou software de controlo de conteúdo em todos os e-books para filtrar pornografia infantil, discurso de ódio e negacionismo do Holocausto, adicionou um detetor de IA. No entanto, continua a permitir o carregamento de livros gerados por IA na plataforma (máximo de três por dia por utilizador), sem etiquetas ou avisos visíveis para os clientes. Entre 10.000 e 40.000 «fraudes literárias» produzidas por IA inundam a plataforma todos os meses, enganando os consumidores e chegando mesmo a colocá-los em perigo (por exemplo, quando «guias» não verificados prescrevem tratamentos sem sentido, conselhos de vida fatais, ou declaram que cogumelos venenosos são comestíveis).

Ao mesmo tempo, os livros reais de autores humanos tornam-se menos visíveis, e as receitas da autopublicação estão a encolher. Por exemplo, a remuneração dos escritores através do modelo de partilha de receitas da Kindle Direct Publishing está a diminuir, à medida que mestres de bots e outros utilizadores sem escrúpulos embolsam uma grande parte do dinheiro. Os livros gerados por IA são frequentemente feitos para se assemelharem aos verdadeiros lançamentos de autores conhecidos (ou são apresentados como «resumos» e «material secundário»). Biografias de pessoas famosas, lançadas quase instantaneamente após a sua morte, são também uma forma fácil de ganhar dinheiro com IA.

Um fenómeno semelhante pode observar-se no setor da música: segundo um estudo da aplicação de streaming Deezer, 34 por cento das canções carregadas diariamente na plataforma são geradas por IA, o que, por sua vez, reduz a remuneração de compositores e músicos humanos através do modelo de receita partilhada das plataformas.

Tradutores, ilustradores e narradores de audiolivros são os grandes perdedores neste jogo. As aplicações geradoras de texto são amplamente usadas em todo o mundo, incluindo dentro do setor editorial. A Amazon acabou de lançar o seu «serviço de tradução» por IA para autopublicadores. No Reino Unido, um terço dos tradutores relatou ter perdido trabalho devido à IA, e 37 por cento dos ilustradores viram o seu rendimento diminuir pela mesma razão. Os tradutores estão a começar a mudar de profissão ou a trabalhar como pós-editores mal pagos, reparando textos e traduções gerados por máquina. Entretanto, vários narradores de audiolivros disseram-me, em confidencialidade, que se veem perante a escolha entre aceitar que as suas vozes sejam clonadas, ou serem «colocados na lista negra» pela indústria.

No Reino Unido, um terço dos tradutores relatou ter perdido trabalho devido à IA, e 37 por cento dos ilustradores viram o seu rendimento diminuir pela mesma razão. Os tradutores estão a começar a mudar

de profissão ou a trabalhar como pós-editores mal pagos, reparando textos e traduções gerados por máquina.

Pagar aos escritores pela utilização passada ou futura do seu trabalho iria, segundo as gigantes tecnólogicas, prejudicar o desenvolvimento da IA. A administração Trump está do lado dos oligarcas tecnológicos: em maio, despediu Shira Perlmutter, chefe do Gabinete de Direitos de Autor dos EUA, depois de o seu gabinete ter divulgado um relatório que concluía que os usos não autorizados de obras protegidas por direitos de autor para treinar sistemas de inteligência artificial generativa poderiam ser ilegais. (O Supremo Tribunal suspendeu, por agora, a demissão de Perlmutter.)

A linha de defesa da Google é a de que as máquinas não são assim tão diferentes de um humano a ler um livro. No entanto, os humanos não conseguem memorizar livros inteiros, nem copiam o seu conteúdo como modelo de negócio. Nenhum autor que queira construir ou manter uma reputação se apropria do estilo de outro; em vez disso, dedica milhares de horas de trabalho a encontrar a sua voz única e original. O truque de equiparar máquinas a humanos e atribuir direitos humanos às máquinas é popular entre as GAFAM (Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft; a OpenAI deveria ser acrescentada a esta lista) para evitar pagar aos autores.

Isto não é surpreendente no setor cultural. As empresas tecnológicas têm uma longa tradição de pilhar ideias de escritores e poetas. Ciborgues, máquinas humanoides, a internet, as redes sociais, máquinas de escrever automáticas omniscientes, videochamadas, carros autónomos e robôs domésticos existiram todos na literatura muito antes de aparecerem no mundo real. Os verdadeiros inovadores não são Mark Zuckerberg, Sam Altman e Bill Gates, mas Stanisław Lem, E. M. Forster, Neal Stephenson, George Orwell, Mary Shelley, Karel Čapek e Isaac Asimov, entre outros. Termos como avatar, robô, mundos virtuais ou metaverso também têm origem nas mentes de autores.

Os humanos não conseguem memorizar livros inteiros, nem copiam o seu conteúdo como modelo de negócio. Nenhum autor que queira construir ou manter uma reputação se apropria do estilo de outro; em vez disso, dedica milhares de horas de trabalho a encontrar a sua voz única e original.

Deveríamos nós, escritores, deixar de conceber tais ideias, sabendo que muito provavelmente se tornarão realidade?

Perder a própria voz

Não devíamos. O poder dos seres humanos de imaginar utopias ou distopias nunca antes concebidas é o que os distingue das máquinas. Se as máquinas viessem a apoderar-se da narrativa da humanidade, a evolução primeiro estagnaria e depois regrediria. O óbvio desenraizaria por completo o extraordinário – nenhuma ideia nova, nenhuma nova proposta de coexistência, nenhum novo conceito para dar sentido a policrises em constante evolução.

Prevê-se que, até 2030, a infraestrutura física que alimenta as aplicações de IA venha a exceder as necessidades energéticas de toda a força de trabalho humana.

Os direitos de autor e os direitos morais, o direito à integridade e a não ser censurado, o direito dos autores de decidir como e por quem as suas obras e o seu trabalho são usados – estes não são direitos exclusivos de profissionais culturais e artistas. São o resultado de uma mudança de paradigma na autoperceção da humanidade: o reconhecimento da criatividade humana, do livre arbítrio, da individualidade, da autonomia e da capacidade de decisão. E também da responsabilidade individual: todo o autor, seja profissional ou amador, blogger ou comentador no Facebook, é responsável por aquilo que exprime; e, ao mesmo tempo, tem permissão para o fazer. Os direitos de autor dizem respeito à liberdade.

Escrever ou dedicar-se a atividades artísticas tem também um efeito multifacetado na identidade humana: quem consegue pensar consegue decidir; quem consegue decidir consegue agir. Quem consegue ler, compreender e escrever é menos suscetível à propaganda, à desinformação e à manipulação, venha ela das «promoções» da Black Friday ou de forças políticas antidemocráticas. Podem ser participantes ativos na democracia, em vez de meros consumidores ou eleitores. Em contrapartida, quem depende da linguagem automatizada já não consegue falar por si próprio; perde a sua voz.

Quem consegue pensar consegue decidir; quem consegue decidir consegue agir. Quem consegue ler, compreender e escrever é menos suscetível à propaganda, à desinformação e à manipulação, venha ela das «promoções» da Black Friday ou de forças políticas antidemocráticas.

Ter voz própria e saber usá-la é ainda mais necessário face às crises democráticas, sociais e ecológicas que enfrentamos. Do ponto de vista ecológico, a IA deveria ser encarada com a mesma atitude crítica que outrora se dirigiu aos clorofluorocarbonetos ou à poluição por partículas. Prevê-se que, até 2030, a infraestrutura física que alimenta as aplicações de IA venha a exceder as necessidades energéticas de toda a força de trabalho humana. É provável que numerosos empregos desapareçam, não só no setor cultural, aumentando o fardo sobre Estados que já se debatem com o desemprego e o envelhecimento das populações. Se isto acontecer, um punhado de monopólios de comunicação terá cimentado o seu domínio, determinando também a orientação política da Europa. Este seria o desfecho final da globalização digital, um sistema em que poucos decidem o destino de muitos – a menos que os muitos decidam usar a sua voz.

Quem depende da linguagem automatizada já não consegue falar por si próprio; perde a sua voz.

Adeus à liberdade?

O autor individual, enquanto ator liberal e responsável, está a ser apagado pela simulação de comunicação automatizada. A IA generativa é, na verdade, degenerativa: perturba as capacidades de quem a usa regularmente, e fá-lo à custa dos trabalhadores da palavra.

O anseio por uma máquina superior aos humanos, um golem, um deus ex machina, é o eterno defeito humano. É um desejo de criar uma entidade maior, mais permanente, melhor do que a humanidade, e de mergulhar com deleite numa passividade infinita e reconfortante, enquanto o piloto automático assume o controlo. Finalmente livre! Livre da responsabilidade e da necessidade de tomar decisões. Livre do fardo desta vida hedionda e confusa, com as suas muitas crises e humilhações.

Talvez essa seja a consequência mais lamentável da atual religião das máquinas: aqueles que não escrevem nem falam, mas deixam que as máquinas escrevam e falem por si, abraçam a supressão da sua própria liberdade de expressão.



Nina George is a German international bestselling author. She has been publishing novels, non-fiction, essays, reports, short stories, blogs, and columns since 1992. Her novel *The Little Paris Bookshop* was translated into 36 languages and topped the charts, including *The New York Times* bestseller list in the US. With her husband, writer Jens J. Kramer, Nina George authors children's books and thrillers. Nina George is President of Honour of the European Writers' Council (EWC), the federation of 53 European writers' associations. Photo credit: ©Julia Baier.

Published September 3, 2026
Article in Portuguese
Translation available in English
Published in the *Green European Journal*
Downloaded from https://www.greeneuropeanjournal.eu/o-futuro-da-criatividade/

The Green European Journal offers analysis on current affairs, political ecology and the struggle for an alternative Europe. In print and online, the journal works to create an inclusive, multilingual and independent media space.
Sign up to the newsletter to receive our monthly Editor's Picks.